

RESENHA

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Resenha de ROFFINELLI, Gabriela. *Marx: La crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo*. (2022)

Letícia Dellova*

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p548-557

resumo

A presente resenha discorre sobre a visão de Gabriela Roffinelli em Marx: la crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo, artigo publicado na Pacha, Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global, Vol. 3, No. 7, de 2022. Roffinelli, socióloga e docente da Universidade de Buenos Aires (UBA), busca demonstrar a invalidade das críticas decoloniais e pós-desenvolvimentistas acerca do suposto caráter eurocêntrico das obras de Marx e Engels. Para tal, a autora se baseia na obra central de Marx e em trabalhos menos conhecidos que aludam às sociedades não-europeias, e ressalta o papel central da obra marxista na crítica à acumulação capitalista e ao colonialismo, tendo assentado as bases para o estudo do desenvolvimento desigual e da polarização das sociedades no sistema mundial (ROFFINELLI, 2022, p. 1).

PALAVRAS-CHAVES: Colonialismo; eurocentrismo; desenvolvimento desigual; teoria da história; teoria marxista

* Bacharela em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Email para contato: leticia-dellova@usp.br

ROFFINELLI, Gabriela. Marx: La crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo. In. PACHA, Revista de estúdios contemporâneos del sur Global, Vol. 3, No. 7, 2022.

Introdução

A todo custo querem converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria filosófica histórica sobre a trajetória geral a que são submetidos fatalmente todos os povos¹. (MARX, 1980, p. 64)

A presente resenha discorre sobre a visão de Gabriela Roffinelli em *Marx: la crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo*, artigo publicado na Pacha, Revista de Estudios Contemporâneos del Sur Global, Vol. 3, No. 7, de 2022. Roffinelli, socióloga e docente da Universidade de Buenos Aires (UBA), busca demonstrar a invalidade das críticas decoloniais e pós-desenvolvimentistas acerca do suposto caráter eurocêntrico das obras de Marx e Engels. Para tal, a autora se baseia na obra central de Marx e em trabalhos menos conhecidos que aludem às sociedades não-europeias, e ressalta o papel central da obra marxista na crítica à acumulação capitalista e ao colonialismo, tendo assentado as bases para o estudo do desenvolvimento desigual e da polarização das sociedades no sistema mundial (ROFFINELLI, 2022, p. 1).

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Em *Marx: la crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo* Gabriela

¹ Tradução própria do espanhol.

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Letícia Dellova

Roffinelli (2022, p. 5) busca contestar as críticas de teóricos das perspectivas decolonial e pós-desenvolvimentista à teoria marxista, que segundo a autora generalizam determinadas opiniões de Marx e Engels expressadas em textos primevos. Para os críticos, a teoria marxista incorreria em história universal, filosofia da história, etapismo e evolucionismo, além de estar imbuída do cientificismo e eurocentrismo que permeavam o clima intelectual europeu do século XIX (ROFFINELLI, 2022, p. 5). Para Roffinelli (2022, p. 1), tal perspectiva ignora o marxismo enquanto a mais radical crítica do capitalismo e seu caráter diacrônico.

Um dos autores ao qual Roffinelli (2022, p. 2) se opõe em seu texto é o sociólogo Edgardo Lander, que apesar de reconhecer a importância do marxismo, critica seus aspectos mais universalizantes e eurocêntricos. Para Lander, o marxismo não se distancia de aspectos da sociedade capitalista, como a ciência e a tecnologia, tidos como contribuição histórica do capitalismo ao desenvolvimento das sociedades humanas, levando o marxismo à impossibilidade de pensar um mundo alternativo à sociedade tecnológica e produtivista (LANDER, 2008, p. 11). Em *Contribución a la crítica del marxismo realmente existente: verdad, ciencia y tecnologia* Lander declara:

Apesar da sua profundidade e radicalidade, a crítica marxista do mundo do capital – por assumir fundamentalmente a noção de Progresso, a ideia de que a civilização do Ocidente é a expressão máxima do poder criativo do homem, ao assumir que a sociedade europeia representa o ponto mais alto do inexorável processo de desdobramento das leis da história – não foi capaz de se distanciar da relação com esta opção cultural particular representada pelo Ocidente e pelo capitalismo. Ele assumiu a sociedade capitalista como uma inevitabilidade histórica e como um passo histórico progressista na direção da libertação e da felicidade humana[1].

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Letícia Dellova

(LANDER, 2008, p. 11)²

Adicionalmente, Lander alega que a fonte das proposições teóricas centrais de Marx seria a filosofia da história, pois propõe um proletariado revolucionário, classe universal portadora do futuro (LANDER, 2006, p. 219). Além disso, oporia à lógica redutora do capital a lógica igualmente redutora da revolução e a racionalização progressista e universalizante da vida e dos valores proletários (LANDER, 2008, p. 11). Em Marxismo, eurocentrismo y colonialismo Lander escreve:

O marxismo, à medida em que assume uma filosofia da história, constrói um meta-relato da história universal nitidamente eurocêntrico. A sucessão histórica dos modos de produção (sociedade sem classes, sociedade escravista, sociedade feudal, sociedade capitalista, sociedade socialista) postula um modelo de história universal, a partir de sua interpretação da história paroquial europeia[1]. (LANDER, 2006, p. 211)³

Para Roffinelli (2022, p. 5), Lander e outros atores decoloniais e pós-desenvolvimentistas generalizam opiniões emitidas por Marx e Engels em textos primevos, além de ignorar o enriquecimento diacrônico da teoria. A autora defende que Marx condenava o colonialismo, todavia possuía uma visão otimista do capitalismo enquanto etapa inevitável rumo à sociedade comunista, abrindo caminho para a civilização e desenvolvimento nas sociedades não-europeias – processo, acreditava, que se daria “à imagem e semelhança” da Europa Ocidental (ROFFINELLI, 2022, p. 4). Efetivamente, admite a autora, Marx e Engels exibiram uma visão evolucionista em seus primeiros trabalhos, como o Manifesto Comunista (1848), e alguns escritos sobre a China, Índia, México, e Simón Bolívar (ROFFINELLI, 2022, p. 3). Em um artigo publicado em 1848, Engels (1972, p.

² Tradução própria do espanhol.

³ Tradução própria do espanhol.

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Letícia Dellova

183) defende que a conquista do México constituiria um progresso, dado que o país estava assolado por guerras civis e impedido de desenvolver-se. Seria de seu próprio interesse estar sob tutela dos Estados Unidos, assim como toda a América se beneficiaria do domínio estadunidense sobre o Oceano Pacífico (ENGELS, 1972, p. 183). Complementarmente, em um trecho do Manifesto que Roffinelli (2022, p. 3) define como um elogio à penetração do capital na Ásia, os autores afirmam:

A burguesia [...] arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os preços baratos das suas mercadorias são a artilharia pesada com que deita por terra todas as muralhas da China, com que força à capitulação o mais obstinado ódio dos bárbaros ao estrangeiro. (MARX e ENGELS, 2017, p. 20)

No entanto, dada a complexidade da questão colonial e à luz de novas experiências, Marx irá reexaminar asserções anteriores, progredindo para uma compreensão crítica do desenvolvimento desigual, colonialismo, imperialismo e da missão civilizadora (ROFFINELLI, 2022, p. 3). Em *Grundrisse* (1858)⁴ e *O Capital* (1867) apresenta um esboço da visão de desenvolvimento desigual e multilinear, e após a experiência da Comuna de Paris (1871) concentra-se nas experiências pré-capitalistas e resistência ao capitalismo, trabalhos que, segundo Roffinelli (2022, p. 6), foram pouco investigados por seus críticos.

Para a autora, como atestado anteriormente, a visão marxista inicialmente limitada do desenvolvimento no capitalismo é justificada pelo otimismo excessivo na pronta emancipação da classe trabalhadora, sendo impossível considerá-la eurocêntrica: Roffinelli alude às ideias de superioridade do homem branco e da cultura ocidental, como

⁴ A obra foi terminada em 1858 e publicada postumamente em 1941.

manifestadas na obra de Rudyard Kipling, para demonstrar o contraste entre essas teorias e o marxismo, que assenta as bases epistemológicas para a crítica ao capitalismo e ao colonialismo (ROFFINELLI, 2022, p. 7).

A autora adota a periodização indicada por Pedro Scarón (1972, p. 6-8), segundo a qual a transformação das ideias de Marx e Engels teria ocorrido em três etapas:

1) (1847-1856): Os autores manifestavam repúdio moral às atrocidades do colonialismo, todavia compreendiam a expansão colonial como etapa de transição para a sociedade sem classes a nível global;

2) (1856-1864): Marx e Engels passam a denunciar os abusos do colonialismo e defendem o direito de resistência dos povos. Não revisam claramente suas posições teóricas, apesar de admitir o desenvolvimento multilinear;

3) (1864-1883): O cenário internacional os leva a advertir problemáticas para o desenvolvimento dos povos subjugados pelo capital inglês – Irlanda e Índia –, e o desenvolvimento multilinear é pensado a partir das experiências pré-capitalistas e da comuna rural russa.

Em *Grundrisse*, escrito durante a segunda fase apontada por Scarón, Marx demonstra seu interesse pelos modos de produção pré-capitalistas e não-europeus ao introduzir o modo de produção asiático e pensar um desenvolvimento histórico multilinear – mais especificamente, em quatro vias a partir de modelos primitivos: as comunidades eslava, germânica, asiática ou peruana e antiga. Dessa forma, Marx evidencia que o desenvolvimento na Europa, Oriente e América Latina teria se dado de

maneira distinta, não havendo, portanto, uma teoria universal da evolução das sociedades (ROFFINELLI, 2022, p. 9).

Quanto à terceira etapa, foi inaugurada por estudos de regiões europeias submetidas – como a Irlanda e a Polônia –, que segundo Roffinelli (2022, p. 9) levaram Marx e Engels a discorrer acerca de povos subjugados, desenvolvimento desigual de capital e formações sociais periféricas. Ocorre também uma clara ruptura com ideias expostas no Manifesto Comunista, e o saque colonial passa a ser entendido como destrutivo: segundo Engels, o desenvolvimento irlandês teria esmorecido com a invasão inglesa, retrocedendo vários séculos (ROFFINELLI, 2022, p. 9). Paralelamente, o capitalismo inglês teria falhado em sua “missão” de assentar os fundamentos materiais da sociedade ocidental na Ásia, e Marx irá postular a emancipação nacional do povo irlandês como condição para a liberdade dos trabalhadores ingleses, evocando a máxima de Dionísio Yupanqui: “Um povo que oprime outro povo não pode ser livre”⁵ (ROFFINELLI, 2022, p. 10).

Ademais, Marx passa a considerar a possibilidade de transição direta para o socialismo em sociedades em que o capitalismo não foi plenamente implantado, como o caso da comuna russa, afirmando que a revolução é necessária, seja para passar pelo capitalismo ou diretamente para a sociedade moderna (ROFFINELLI, 2022, p. 11-13).

Conclusões

Ao final de seu artigo, Gabriela Roffinelli (2022, p. 15) conclui que Marx e Engels não elaboraram um caminho de desenvolvimento universal ou

⁵ Tradução própria do espanhol.

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Letícia Dellova

sucessão de etapas progressivas aplicáveis à todas as sociedades, tendo pelo contrário avançado em conceitualizações acerca da heterogeneidade das formações econômico-sociais e sua integração desigual na economia mundial capitalista – apesar de essas críticas não terem sido sintetizadas em uma obra. Esses estudos integrariam uma base epistemológica, isenta de posições eurocêntricas, lineares ou evolucionistas, que abre portas para compreender: como o sistema colonial bloqueia e subordina as formações pré-capitalistas; as tendências expansivas e as leis sociais do capitalismo; o desenvolvimento desigual e combinado; e manifestações de resistência ao avanço do colonialismo e imperialismo (ROFFINELLI, 2022, p. 15 e 16).

Da mesma forma, a autora reforça que o eurocentrismo e sua crítica não podem ser desvinculados da colonização e da acumulação capitalista, cuja crítica mais radical, nos tempos modernos, foi realizada por Marx. Além disso, por não representar uma teoria estática ou dogmática, o marxismo se faz necessário para a compreensão de questões emancipatórias atuais (ROFFINELLI, 2022, p. 16). Por fim, Roffinelli conclui que “não se trata de reduzir a complexidade de uma reflexão teórica ao vertido em alguns textos canônicos”⁶ (ROFFINELLI, 2022, p. 16).

Algumas das proposições da autora são passíveis de julgamento. Em primeiro lugar, Roffinelli (2022, p. 7) declara ser impossível – esta é a palavra utilizada – considerar o otimismo etapista de Marx eurocêntrico. Entretanto, com base no exposto pela autora e na periodização de Pedro Scarón (1972), fica evidente que em suas obras mais antigas Marx e Engels incorreram em ideias eurocêntricas – e que o pensamento dos colaboradores mudou ao longo dos anos, passando para o rechaço ao

⁶ Tradução própria do espanhol.

A teoria marxista: universal e eurocêntrica?

Letícia Dellova

colonialismo e assentamento das bases para a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Ao mesmo tempo, ao abordar a colonização Roffinelli (2022, p. 7 e 9) utiliza exemplos predominantemente europeus – como os casos irlandês e polonês –, trazendo apenas o México como representante latino-americano. Além disso, a autora discorre muito brevemente sobre a possível passagem direta para o socialismo, ao mencionar o caso russo, problematização que seria essencial para questionar o etapismo. Enfim, a autora declara que a questão é demasiada complexa para ser reduzida “ao vertido em alguns textos canônicos” (ROFFINELLI, 2022, p. 16), todavia utiliza ao longo de seu texto trechos de cartas e até grifos como embasamento para sua defesa (ROFFINELLI, 2022, p. 14).

REFERÊNCIAS

LANDER, Edgardo. Contribución a la crítica del marxismo realmente existente: verdad, ciencia y tecnología. Caracas: Fundación Editorial El Perro y la Rana, 2008.

LANDER, Edgardo. Marxismo, eurocentrismo y colonialismo. In: La teoría marxista hoy. Problemas y perspectivas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/formacion-virtual/20100720070423/9Lander.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2024.

MARX, Karl. Carta a la redacción de Otiéchestviennie Zapiski. In: ARICÓ, José (org.). Escritos sobre Rusia II: El porvenir de la Comuna rusa. 1. ed.. ed. Cidade do México: Siglo XXI, 1980. p. 62-65.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Friedrich Engels: La tutela de los Estados Unidos. In: SCARÓN, Pedro (org.). Materiales para la historia de América Latina. 1. ed. Córdoba: Pasado y Presente, 1972. p. 183-184.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Sundermann, 2017.

ROFFINELLI, Gabriela. Marx: La crítica radical de la modernidad capitalista frente a las inconsistencias de los estudios Decoloniales y del Posdesarrollo, in: PACHA, Revista de estudos contemporâneos del sur Global, Vol. 3, No. 7, 2022.

SCARÓN, Pedro. A modo de introducción. In: SCARÓN, Pedro (org.). Materiales para la historia de América Latina. 1. ed. Córdoba: Pasado y Presente, 1972. p. 5-1